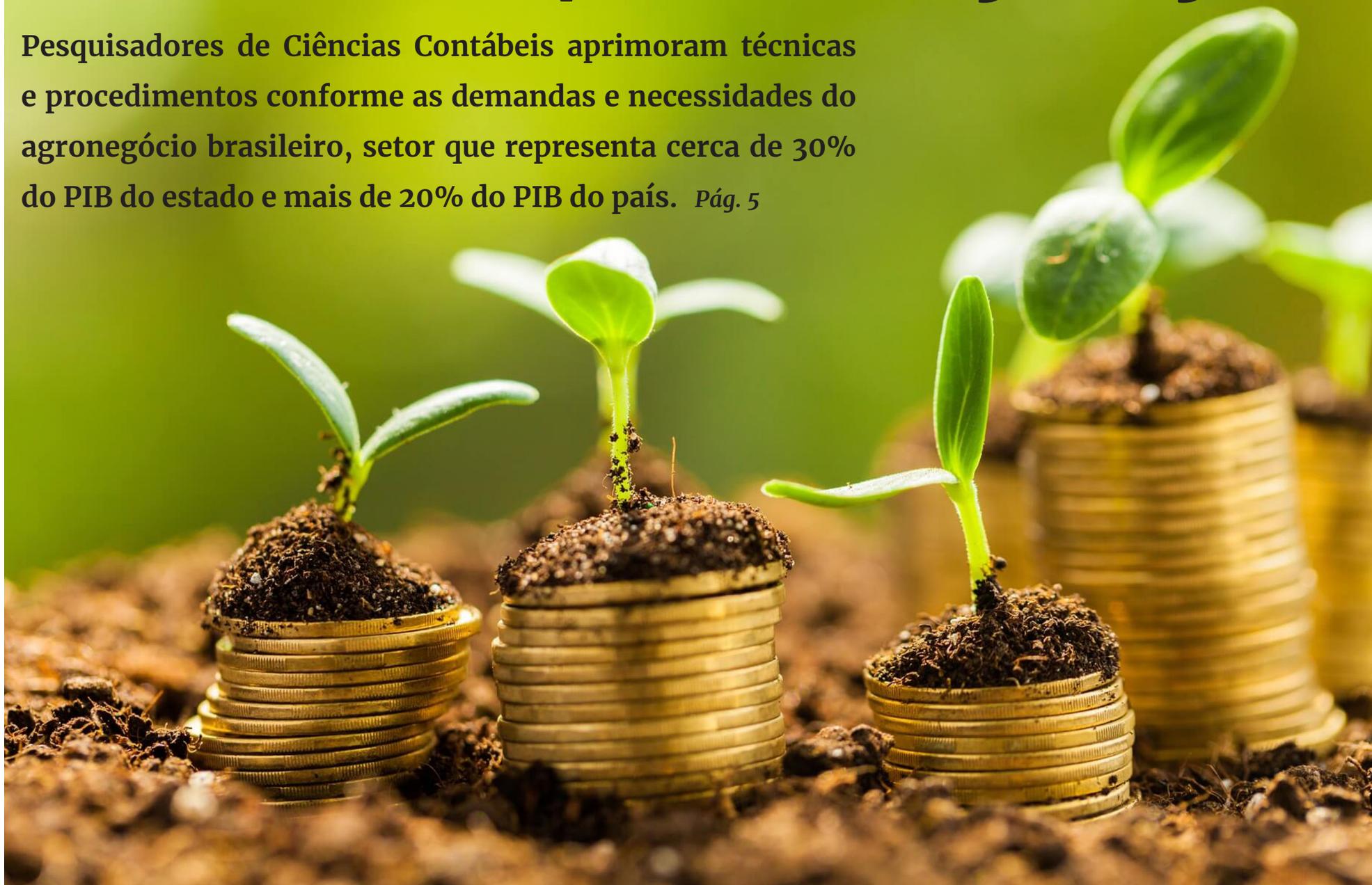


Contabilidade aplicada ao agronegócio

Pesquisadores de Ciências Contábeis aprimoram técnicas e procedimentos conforme as demandas e necessidades do agronegócio brasileiro, setor que representa cerca de 30% do PIB do estado e mais de 20% do PIB do país. *Pág. 5*



Medalhistas dos números

Há quase 15 anos, projeto de extensão incentiva e concede bolsas, via CNPq, a estudantes do Ensino Fundamental e Médio, premiados na Olimpíada Brasileira de Matemática.

Pág. 8

Grupo de Estudos discute deficiência e altas habilidades

Projeto de ensino ligado ao Núcleo de Acessibilidade da UEL proporciona aprofundamento teórico a professores, profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Para responder a demandas dos cursos da instituição, o Núcleo de Acessibilidade da UEL (NAC) montou, em 2016, grupos de estudos para promover o aprofundamento teórico de sua equipe sobre temas pertinentes e também para aprimorar o atendimento a estudantes com algum tipo de deficiência ou altas habilidades/superdotação.

Na mesma linha, a professora Karen Ribeiro (Departamento de Educação), atual vice-coordenadora do NAC, criou em 2018 o projeto de ensino “Grupo de Estudos sobre estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação no ensino superior”. Neste nível de ensino, a educação especial se traduz em ações em favor do acesso, permanência e participação dos estudantes, o que inclui a promoção da acessibilidade, em todas as suas formas.

De acordo com a professora Karen, o projeto nasceu em função da demanda interna por estudos mais aprofundados, mas acabou alcançando também membros da comunidade externa, de outras instituições. Uma vez por mês, o grupo realiza um encontro de 3 ou 4 horas, no Centro de Educação, Comunicação e Artes da UEL, para debater temas selecionados semestralmente, a partir de leituras (artigos, dissertações e teses) escolhidas e disponibilizadas previamente a todos, e apresentadas por alguns membros, que conduzem as discussões. “É uma formação continuada”, sintetiza Karen.

Além da equipe do NAC, o Grupo é

formado por estudantes do curso de Pedagogia e por professores e profissionais da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, do Instituto Federal do Paraná/Campus Londrina e da Universidade Federal de São Carlos (SP). Desta última também já participou do projeto um aluno de pós-graduação (doutorando do Programa de Pós-graduação do Departamento de Educação), que contribuiu na discussão da metodologia, pesquisa bibliográfica, entre outros assuntos. A coordenadora do projeto lembra, porém, que ele é aberto a toda a comunidade interna, especialmente membros dos Colegiados dos cursos de graduação.

Um detalhe curioso apontado por Karen é que todas as instituições participantes revelam dificuldades e problemas muito semelhantes, o que colabora para a convergência de esforços na busca por soluções. Levantada a demanda, o Grupo parte para o estudo. Entre os temas já debatidos, estão a adaptação curricular, políticas institucionais e a abordagem específica de determinadas deficiências e altas habilidades, uma vez que, como lembra a professora, cada uma tem suas particularidades, assim como cada estudante tem suas próprias características.

Além das leituras e discussões, os membros dos grupos falam de suas respectivas instituições e serviços oferecidos, assim como foram promovidas visitas a todas as instituições-membros. “O aprendizado entre instituições é muito grande”, destaca a professora Karen. Ela observa que não há inclinação teórica específica: “Todas as abordagens são bem vin-



Segundo a coordenadora do projeto, professora Karen Ribeiro, as instituições participantes revelam dificuldades e problemas muito semelhantes, o que colabora para a convergência de esforços na busca por soluções.

das, porque existe uma grande demanda por pesquisa na área”, diz. O projeto também já realizou oficinas sobre adaptação curricular.

Especificamente com a UTFPR, há uma parceria para investir na formação dos professores, pela qual são desenvolvidas ações de conscientização na UEL (as atividades de conscientização também são voltadas aos demais integrantes da comunidade interna), assim como existe a participação do NAC na Semana Pedagógica da Federal e do projeto de extensão “Ações de Sensibilização e Formação para Inclusão de Pessoas com Deficiência da Educação Básica ao Ensino Superior”, coordenado pela psicóloga Camila Sudo e professora Cristiane Rezzadori, da UTFPR.

O projeto já publicou três trabalhos em 2019 e se prepara para desenvolver ações em abril, quando existe um dia mundial de conscientização do autismo (2). Ampliar a divulgação do projeto é uma de suas metas. A previsão de conclusão do projeto é julho deste ano, e antes disso será submetido a uma avaliação final.

“Cada instituição tem suas particularidades, assim como cada estudante tem suas próprias características. Todas as abordagens são bem vindas, porque existe uma grande demanda por pesquisa na área”

EXPEDIENTE

 UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitor: Sérgio Carlos de Carvalho
Vice-Reitor: Décio Sabbatini Barbosa

 com

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

• **Coordenador:** Sérgio Henrique Gerelus
• **Chefe da Divisão de Jornalismo:** Mirian Peres da Cruz
• **Editor:** José de Arimathéia

• **Redação:** Beatriz Botelho, Reinaldo César Zanardi e Pedro Livoratti
• **Diagramação/Editoração:** Moacir Ferri
• **Fotógrafos:** Daniel Procopio e Gilberto Abelha
UEL – Campus Universitário – CP. 6001 – CEP 86051-990 – Londrina – PR
Telefones: (43) 3371-4361 – 3371-4115 - noticia@uel.br
Impressão: Folha de Londrina - Tiragem: 2.000

Comunicação que expressa, articula e fortalece

Projeto da UEL aposta no uso da comunicação audiovisual para o desenvolvimento de escolas indígenas do norte do Paraná

NATANAEL PEREIRA *

Promover o fortalecimento de estudantes, professores e lideranças indígenas de nove escolas estaduais localizadas em seis terras indígenas da região norte do Paraná através de práticas educativas bilíngues e interculturais proporcionadas pela comunicação audiovisual. Essa foi a proposta desenvolvida dentro do projeto de extensão “Entre os saberes da escola indígena e da universidade: A comunicação audiovisual como elemento de expressão, articulação e fortalecimento da organização dos professores indígenas”, coordenado pelo professor Wagner Roberto do Amaral, do Departamento de Serviço Social, e pela professora Mônica Panis Kaseker, do Departamento de Comunicação. O projeto contou com uma equipe formada por oito integrantes, entre professores e estudantes das áreas de Jornalismo, Letras, Ciências Sociais e Serviço Social.

Segundo o professor Wagner do Amaral, a escolha pelo uso da comunicação audiovisual ocorreu justamente por conta da ligação entre este recurso e a comunicação indígena, manifestada essencialmente pela oralidade e corporalidade. A partir de oficinas de vídeo realizadas nas terras indígenas, estudantes do Ensino Médio, professores e lideranças indígenas tiveram a oportunidade de desenvolver conhecimentos sobre gravação e enquadramento utilizando aparelhos celulares, técnicas de entrevista, além de desenvolvimento da fala no vídeo. O intuito foi fazer que as comunidades indígenas utilizassem a comunicação audiovisual para contarem como compreendem a própria cultura e história, refletindo principalmente sobre o modelo de educação escolar que almejam alcançar.

O professor ressalta que o protagonismo do projeto pertence aos próprios indígenas, já que o objetivo idealizado desde o início foi possibilitar a autorrepresentação deles a partir do contato com as tecnologias, método que também afirma e fortalece a consciência sobre o que é ser indígena. Ele explica que dos quatro estudantes bolsistas de graduação atuantes no projeto, três são indígenas pertencentes às etnias Guarani, Kaingang e Funiô/Kaingang. Ainda segundo ele, a proposta não somente garantiu o protagonismo dos acadêmicos indígenas como também possibilitou uma mediação mais intensa e profunda com as comunidades indígenas. “Geralmente o que acontece é o não indígena falando do indígena e isso pode vir acompanhado de deturpações ou equívocos. Contar nossa própria história através de projetos como esse representa um processo de empoderamento que nos faz refletir de maneira mais ampla”, relata o estudante indígena e futuro jornalista, Yago Queiroz, que recentemente ficou conhecido por ser o primeiro do Paraná a defender um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em uma Terra Indígena.

DEMANDA

O projeto de extensão, finalizado em setembro de 2019, integrou uma sequência de ações realizadas desde 2013 junto à Comissão Universidade para os Índios (CUIA), responsável pela seleção e acompanhamento dos estudantes indígenas na Universidade Estadual de Londrina. A demanda surgiu pela identificação de fragilidades nas diferentes áreas que



Os professores Wagner Roberto do Amaral e Mônica Panis Kaseker: a demanda surgiu pela identificação de fragilidades nas diferentes áreas que compõem a formação escolar dos estudantes indígenas ingressantes na Universidade

compõem a formação escolar dos estudantes indígenas ingressantes na Universidade, reflexo da ausência de acompanhamento e formação continuada dos professores e gestores que atuam nas escolas estaduais indígenas da região norte do estado.

Segundo o professor Wagner, este cenário foi resultado de um processo que começou a ser desenhado a partir de 2007, com a estadualização das escolas indígenas no Paraná, iniciada por meio do Parecer CEB/CEE n. 423/2007. Em razão disso, ficou estabelecida a responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado em ofertar desde a Educação Infantil até o Ensino Médio nas terras indígenas, cabendo ao órgão a contratação e promoção de formação continuada para professores indígenas. O professor afirma que um investimento significativo na educação escolar indígena do estado foi promovido até 2010. “Vale destacar que havia um número muito grande de professores e diretores não indígenas atuando nas escolas indígenas. Isso representa um desafio, já que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 define que a escola indígena é aquela que agrega profissionais indígenas, além de processos próprios de aprendizagem e de gestão”, ressalta.

Para tentar suprir essas defasagens, a primeira edição do projeto, realizada entre 2013 e 2014, ocorreu justamente no sentido de elaborar um diagnóstico sobre a educação escolar nas seis terras indígenas da região através da realização de trabalho etnográfico e oficinas de formação continuada. Um dos resultados foi a identificação de fragilidades quanto ao uso das línguas Kaingang e Guarani, originadas por processos de desvalorização das línguas indígenas.

CONTRIBUIÇÕES

De lá para cá, os quatro projetos financiados pelo Programa Universidade Sem Fronteiras (USF) resultaram em avanços significativos. Um dos trabalhos publicados recentemente para divulgação das ações realizadas nas comunidades indígenas apontou que o

número de professores indígenas atuantes nas escolas estaduais indígenas já é maior que o número de professores não indígenas. Apesar do avanço, o levantamento mostra que os resultados ainda podem ser entendidos, levando em conta que os cargos de diretores e coordenadores pedagógicos ainda são ocupados majoritariamente por profissionais não indígenas.

Segundo a professora Mônica Kaseker, também coordenadora da CUIA UEL, essas ações extensionistas devem ser vistas como um incentivo para que novos projetos voltados às comunidades indígenas possam surgir dentro da Universidade. “A Comissão Universidade para os Índios conseguiu agregar professores e pesquisadores da UEL inteira para atuar nas comunidades indígenas, de modo que hoje há uma articulação muito maior neste sentido”, acrescenta.

Ela explica que as ações já desenvolvidas resultaram em três produtos que serão disponibilizados em breve. Um documentário baseado em quatro eixos - bilinguismo, currículo, formação de lideranças indígenas e gestão das escolas indígenas, que discute a educação com características específicas, além da atual realidade das escolas indígenas e o que elas almejam para o futuro. O segundo produto é um livro voltado para a formação dos professores indígenas, que está em fase de finalização. Já o terceiro é a criação de um site para a divulgação de atividades e articulação dos professores indígenas que integram a Comissão de Articulação dos Direitos das Escolas Indígenas do Paraná (CADEINP), movimento iniciado em 2017 em razão da necessidade de defesa da educação escolar indígena.

Ainda de acordo com a professora, a proposta agora é dar início a um novo projeto de extensão visando a formação de diretores indígenas, organização do acervo já reunido ao longo dos anos, criação de canais para a publicação dos materiais audiovisuais desenvolvidos, além da realização de um documentário específico para cada terra indígena.

* Estagiário de Jornalismo na COM

Projeto de Ensino desenvolve ilustrações para meios de comunicação

Com status de Programa de Formação Complementar, projeto teve início há 12 anos e atende a casos concretos solicitados aos alunos



“O grafite quer incomodar, causar alguma estranheza em quem o contempla, e muitas vezes denunciar as contradições sociais”, diz a professora Danielle Tozatti

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Ilustração sempre foi uma paixão da professora Danielle de Marchi Tozatti (Departamento de Design). Graduada em Desenho Industrial e Ciências Sociais, seus dois trabalhos de conclusão de curso trataram do humor visual, expresso em charges e caricaturas, por exemplo. Quando terminou seu Mestrado (UFPR), em 2005, havia aprofundado o estudo do humor gráfico, através do Salão Internacional de Humor de Piracicaba (SP), um dos mais importantes eventos do universo das artes gráficas e que teve início em 1974, em pleno governo militar. Danielle também levou alunos do curso de Design para lá.

A professora começou sua carreira docente na UEL como temporária e depois se efetivou, mas desde o início ficou com a disciplina de Ilustração, na época oferecida no segundo ano do curso, e mais recentemente, com a reforma na grade curricular, passou para o primeiro ano. O projeto de ensino teve início em 2008 e durou até 2012, quando passou para outra categoria na qual está desde então: programa de formação complementar. Em todos estes anos, 32 alunos e 8 professores já passaram pelo projeto.

PRÁTICA

Danielle explica que, na prática, o projeto recebe solicitações de traba-

lhos de ilustração – como uma capa de livro ou mesmo um livro inteiro – e trabalha o pedido com os alunos na disciplina. Começa então um trabalho de pesquisa até chegar ao produto. O resultado, na avaliação da coordenadora do projeto, não são apenas imagens, mas sim experiências singulares vivenciadas pelos alunos no processo de criação das ilustrações. “São personagens, representações, criações a partir de uma necessidade real”, descreve a professora. Além disso, vários estudos se tornaram, mais tarde, trabalhos de conclusão de curso de graduação e até objeto de pesquisa na pós-graduação. A professora lembra que o humor não cabe em qualquer lugar, assim como não é simples produzir sátira, e mais ainda a ironia. Por isso se torna um

objeto de estudo complexo. “O cômico é mais difícil”, sintetiza.

Tanto as temáticas variadas quanto os formatos contribuem muito para as experiências dos alunos. Danielle cita, por exemplo, quando chegou à turma o tema “adoção” para a criação de ilustrações. Ou a elaboração de um livro tátil, cheio de texturas diferentes, para ser tocado e sentido e não apenas lido. Livros infantis, aliás, são um dos destaques da professora. Outro são os personagens e animações criados para o Planetário da UEL (ilustrações). “Cada aluno tem sua preferência, seja por poesia, literatura infantil, e cada um desenvolve seu estilo próprio”, comenta.

DOUTORADO

Desde o ano passado, a professora Danielle se dedica ao Doutorado em Educação na UEL, no qual continua seus estudos em torno da ilustração. A ideia é, novamente, buscar capacitação e depois multiplicar o conhecimento na graduação. Agora, a pesquisadora se volta para a arte urbana – grafites e murais. Desenvolve sua pesquisa em cinco escolas públicas, de diferentes pontos de Londrina, que apresentam desenhos tanto do lado interno quanto externo da instituição.

São muitas as perguntas da pesquisadora sobre esta arte que sai do museu e ganha as ruas. Ela já percebeu que algumas vezes há um significativo envolvimento da comunidade na promoção desta arte, e às vezes a própria escola a promove, como forma de mobilizar os alunos, especialmente os grafiteiros. O grafite nas escolas, segundo a professora, é relativamente recente e, não raro, aparece como resposta às picha-

ções nos muros. Ela descreve como uma arte urbana que explora temas relevantes, políticos e sociais, como o feminismo, o meio ambiente e os indígenas – aliás, muito recorrentes. Nas escolas em foco, Danielle destaca o racismo como tema.

Alguns trabalhos observados pela professora levaram a resultados altamente positivos. Ela fala, por exemplo, de um mural que fez tanto sucesso que os alunos da escola costumam tirar selfies diante dele, individualmente ou em pequenos grupos. Outra iniciativa gerou desenhos de lombadas de livros, como se estivessem dispostos numa estante. O resultado foi que os livros citados na arte despertaram o interesse dos alunos e a procura por eles, na biblioteca da escola, subiu exponencialmente – é o grafite atuando em favor do incentivo à leitura. E assim, a escola periodicamente troca as sugestões de livros no muro.

A professora Danielle explica que, como outras expressões de arte, o grafite quer incomodar, causar alguma estranheza em quem o contempla, e muitas vezes denunciar as contradições sociais. Voltando a pensar no ensino, vem a pergunta: arte educa? A resposta da pesquisadora é categórica: sim. E não só os alunos. Ela conta que já observou que, em escolas em que há muros grafitados, aumentou o interesse dos pais pela instituição, que passa a ter uma imagem mais positiva diante da comunidade.

É por isso que a pesquisa de Danielle vai literalmente além dos muros das escolas, e vai ouvir alunos, gestores escolares, membros da comunidade, grafiteiros, além do levantamento fotográfico, já iniciado.



Pesquisadores identificam ferramentas e técnicas contábeis

Professores e estudantes de Ciências Contábeis analisam práticas e aprimoram procedimentos de acordo com as demandas do mercado nacional e internacional



Os professores Marcelo Tarifa e Daniel Nogueira analisam práticas aplicadas à contabilidade no contexto nacional e internacional

PEDRO LIVORATTI

Pesquisadores da área de Ciências Contábeis estão empenhados em aprimorar técnicas e procedimentos às necessidades do agronegócio brasileiro, setor que representa mais de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e cerca de 30% do PIB paranaense. Alguns destes estudos coordenados por professores da UEL, com colaboração de estudantes de graduação e de pós-graduação, já foram reconhecidos no conceituado Congresso da área da USP, em 2019; e no Congresso Europeu de Contabilidade, em 2017, em Valencia, Espanha. Os estudos analisam práticas aplicadas à contabilidade no contexto nacional e internacional, considerando países que adotam normativas para ativos biológicos relacionados à atividade agropecuária.

Também apontam ferramentas de contabilidade gerencial utilizadas pelas entidades do setor agropecuário paranaense, com foco nas cooperativas. Para se ter uma dimensão da importância deste estudo, o cooperativismo paranaense reúne 1,8 milhão de cooperados, responsáveis por uma cadeia de mais de 90 mil empregos diretos. Pelo menos 16 cooperativas agropecuárias do Paraná estão entre as maiores e melhor estruturadas

empresas brasileiras, segundo ranking nacional divulgado pelo jornal Valor Econômico, em 2016.

A lista das grandes do setor inclui nomes como Coamo, C. Vale, Lar, Cocamar, Copacol, Agrária, Integrada, Castrolanda, Coopavel, Frimesa, Frísia, Copagril, Coasul, Capal, Coagru e Primato. Segundo o professor Marcelo Resquetti Tarifa, do Departamento de Ciências Contábeis da UEL, os modelos contábeis adotados pelas cooperativas paranaenses são semelhantes aos das grandes corporações brasileiras e internacionais. Estas gigantes mantêm departamentos estruturados e controles internos para garantir eficiência e resultados. O professor coordena o projeto Práticas de Contabilidade Gerencial no Agronegócio Paranaense que busca identificar os processos utilizados no setor, além de verificar a atuação dos contadores e seu papel frente às organizações.

O professor trabalha com o tema desde quando realizou o Doutorado, direcionando estudos para o agronegócio. Na época ele visitou organizações em mais de 10 cidades do Paraná, inclusive no Paraguai. A pesquisa continuou no pós-doutorado, com foco nas práticas de contabilidade gerencial das cooperativas, cujos resultados foram apresentados no Congresso Europeu de Contabilidade, em 2017, em Valencia, Espanha, iniciativa da European Accounting Association.

Segundo ele, boa parte das cooperativas agropecuárias detém hoje critérios e processos bastante evoluídos, que permitem avaliar variáveis e cenários com vistas às tomadas de decisão. Entre as ferramentas utilizadas estão processos de custos apurados, big data, sistemas orçamentários, além do uso de softwares específicos. “Se não fossem estas ferramentas e a alta tecnologia seria difícil atingir os resultados que elas registram anualmente”, explica o pesquisador. Por fim ele salienta que, apesar da importância econômica e social, as cooperativas ainda representam um campo de estudo pouco explorado na área contábil.

ATIVOS BIOLÓGICOS

Outro projeto que relaciona contabilidade e o agronegócio é coordenado pelo professor Daniel Ramos Nogueira, também do Departamento de Ciências Contábeis da UEL. O estudo considera a normativa International Accounting Standards (IAS) 41, que prevê a mensuração de valores dos ativos biológicos e produtos agrícolas. De acordo com o pesquisador, a norma serviu para regular os princípios contábeis relacionados à atividade agropecuária.

Dessa forma o Brasil, como grande produtor e exportador mundial de grãos, carnes e derivados, passou a seguir o IAS 41, adequando-se às normas internacionais. O professor explica que esta adequação permitiu o desenvolvimento de pesquisas comparativas, gerando informações importantes. O projeto pretende coletar estes dados em sites das empresas, e em relatórios divulgados pela Bolsa de Valores e junto à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Mas o projeto não considera apenas os grandes do setor. Em 2016 os pesquisadores levantaram custos e investimentos de pequenos agricultores familiares que comercializam seus produtos em feiras livres de Londrina. Pelo projeto, os agricultores foram convidados a responder um questionário sobre custos e preços. De acordo com o professor, o levantamento apontou que parte dos produtores fixava o valor dos seus produtos conforme o mercado, desconsiderando custos de produção.

Como retorno os pesquisadores produziram uma cartilha em linguagem simplificada para informar aos produtores a importância do planejamento e do controle de custos. A proposta foi conscientizar sobre a regra básica da Contabilidade de que a informação é fundamental para a tomada de decisão. Uma norma que vale para grandes conglomerados, como também para agricultores familiares.

O cooperativismo paranaense reúne 1,8 milhão de cooperados, responsáveis por uma cadeia de mais de 90 mil empregos diretos.

Pelo menos 16 cooperativas agropecuárias do Paraná estão entre as maiores e melhor estruturadas empresas brasileiras, segundo ranking nacional divulgado pelo jornal Valor Econômico, em 2016

A atualidade de Hannah Arendt

Mesmo décadas depois de sua morte, a filósofa alemã tem muito a ensinar sobre liberdade, pluralidade, participação política e felicidade pública

REINALDO C. ZANARDI

Ela nasceu em 14 de outubro de 1906, na Alemanha, em uma família de origem judaica. Aos 18 anos, ingressou na Universidade de Berlim para estudar latim, grego e teologia. Casou-se duas vezes. Conseguiu cidadania nos Estados Unidos. Publicou alguns livros e entre os mais famosos estão “As Origens do Totalitarismo”, de 1951, e “A Condição Humana”, de 1958. Ela morreu aos 69 anos de idade, em 1975.

A filósofa e escritora Hannah Arendt incomodou muita gente, em vida, com seu pensamento inquietante e questionamentos provocadores. Ela continua a instar reflexões – pertinentes e necessárias – após quatro décadas da sua morte. Com o tema “A felicidade pública”, a UEL realizou o X Ciclo Hannah Arendt, de 12 a 14 de novembro, evento internacional promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Centro de Letras e Ciências Humanas), com apoio da Especialização em Filosofia Política e Jurídica (Centro de Estudos Sociais Aplicados).

“A ideia de felicidade pública diz respeito à liberdade própria do espaço público; liberdade fundamental para a constituição de uma verdadeira república e consolidadora de uma sociedade plural que valoriza a plena participação cidadã”, justifica a organização do evento, a partir da temática selecionada para nortear as reflexões e os debates, que reuniram pesquisadores, estudantes e professores na UEL.

A conferência de abertura do evento “Hannah Arendt - da pluralidade ao cosmopolitismo” foi realizada pelo professor Wolfgang Heuer, da Universidade de Berlim. Heuer foi professor visitante das universidades Federal do Paraná (2003) e Estadual de São Paulo (2005). Ele lembra que Hannah Arendt desenvolveu pelo menos 50 conceitos para pensar a realidade. Ele parte do conceito de pluralidade para refletir sobre a contribuição da escritora e filósofa, uma das pensadoras de maior destaque do século XX.

Para o professor alemão, a pluralidade aborda um conceito qualitativo e não quantitativo. “Vivemos em uma sociedade plural. Há diferenças entre as pessoas, a pluralidade de uma massa. Arendt racionaliza sobre tudo isso”, explica o professor. Ao mesmo tempo que existe a pluralidade, as pessoas são indivíduos que não podem viver sozinhas. Nesse ponto, Heuer apresenta algo que parece contraditório. “Nós somos únicos, mas ao mesmo tempo separados dos outros”.

A contradição desses elementos se dissipa a partir do confronto de outros dois aspectos da condição humana, apontados por Hannah Arendt: a igualdade e a distinção. “Somos iguais como seres humanos. Por isso, podemos nos entender no outro. E somos distintos pelas diferenças, pelas nossas experiências e referências”, comenta.

Essa pluralidade pode levar a muitos perigos. No contexto da globalização, um desses elementos é o medo. Ele comenta que na Europa, em especial na Alemanha, fala-se em restabelecer um muro contra os refugiados. “Isso é a separação contra os de fora”, ressalta o professor. A situação é mesmo preocupante. Conforme relatório da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), de junho deste ano, o número de refugiados passou de 70

milhões de pessoas em todo o mundo, em 2018.

São pessoas que fogem de conflitos, guerras e perseguições. Conforme dados da ACNUR, cerca da metade da população de refugiados de todo o mundo é formada por menores de 18 anos de idade, ou seja, são crianças e adolescentes. O componente religioso, conforme o professor Wolfgang Heuer, é uma das características que fomenta o medo: “[Por exemplo] o encontro com o mundo árabe, o islã associado ao terrorismo, provoca mais medo a muitas pessoas”.

Para contornar essa situação, Heuer invoca outro conceito que foi objeto de reflexão por Hannah Arendt: o Estado de Direito, a partir da proposição do modelo de separação dos poderes, feita por Montesquieu. “É a dominação das leis. Esse marco institucional é um dos pilares mais desenvolvidos da História”, aponta o professor. “Para Arendt é muito importante o Estado de Direito porque a separação dos poderes funciona como uma medida contra a soberania”, completa.

Aqui, soberania é entendida como o poder exercido a partir de governos ou governantes totalitários. “A divisão de poderes dá mais poder para a comunidade”. Isso significa afirmar que a separação dos poderes está ligada à participação cidadã. Nesse



Wolfgang Heuer: “Ao mesmo tempo que existe a pluralidade, as pessoas são indivíduos que não podem viver sozinhas”

raciocínio, outro conceito deve ser evocado: a liberdade, que passa pela relação entre as pessoas. “Ninguém tem poder. Somente com o consenso do outro, alguém tem poder”, comenta Wolfgang Heuer. “Atualmente, há declínio da realidade da liberdade. Isso já foi apontado por Arendt”.

Felicidade pública

O professor de Ética e Filosofia Adriano Correia (foto), da Universidade Federal de Goiás (UFG), que proferiu a conferência “A alegria da ação em Hanna Arendt” durante o X Ciclo, trata do conceito de felicidade pública ligado à participação política, que envolve um conjunto de experiências que acrescentam muito valor ao ser humano. “Isso tem a ver com experiências que você nunca vai ter na vida privada”, expõe.

Essa participação se locupleta em uma arena democrática, mas que se deteriora quando adversários enxergam o outro como inimigo. Tradicionalmente, em uma democracia, os agentes são adversários que dialogam entre si. “A felicidade pública depende de adversários. Precisamos deles para que haja pluralismo e não de inimigos a serem eliminados”, explica o professor.

Em tempos de obscurantismo, a América Latina e outros locais do planeta, por exemplo, são laboratório para o extermínio – inicialmente – de ideias, e depois de pessoas. “[na polarização] as pessoas se ofendem, se xingam, mas não divergem nem debatem”, lamenta o professor. Ele lembra que a pluralidade é a condição da política. Pluralidade e política retroalimentam-se e sem isso, tiranos tomam a cena, eliminando a participação.

O professor lembra que Hannah Arendt começou a ser muito lida, após a derrubada do muro de Berlim, em 1989, mas foi com a eleição do presidente dos EUA, Donald Trump, que o interesse pelo pensamento da escritora aumentou significativamente. Ele afirma que a atualidade da sua



“A felicidade pública depende de adversários. Precisamos deles para que haja pluralismo e não de inimigos a serem eliminados”, explica o professor Adriano Correia

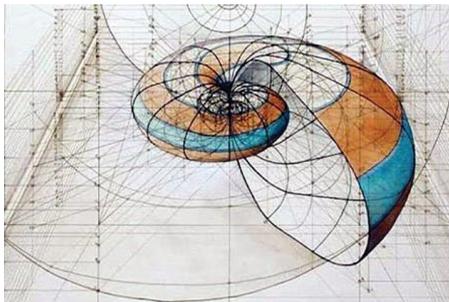
obra está relacionada ao entusiasmo e à dignidade de uma política participativa, que deve pensar o adversário como interlocutor. “Mesmo quando eu divirjo. Alguém que está no outro campo político é alguém com quem eu dialogo, disputo, mas não alguém que quero exterminar”, explica Adriano.

A considerar o discurso de ódio que tomou conta das relações sociais no Brasil e no mundo, fazendo vozes extremistas incitarem até a morte do outro, faz-se necessário resgatar a dignidade perdida na participação política. Muitos setores têm responsabilidade nesse estado deteriorado, mas quem está disposto a refletir e a tentar reverter esse ambiente? O desafio é urgente!

AGENDA

● **Lógica e Filosofia**

O Departamento de Filosofia e o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEL promovem em fevereiro o 1º Workshop Paranaense de Lógica e Filosofia Analítica. As inscrições estão abertas e podem ser feitas no site do evento: <https://workshoplogicafilo.wixsite.com/evento>. Interessados em apresentar comunicações podem encaminhar resumos até 7 de fevereiro para o e-mail workshop.logica.filo.analitica@gmail.com.



O objetivo do workshop é reunir pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação para discutir a função da Lógica e da Filosofia Analítica para o desenvolvimento do conhecimento filosófico e científico, tendo como marco teórico referencial a pluralidade racional e a análise lógica da linguagem.

Com atividades de 18 a 20 de fevereiro, a programação conta com conferencistas da própria UEL e de outras cinco instituições.

● **Análise do Comportamento**

Estão abertas as inscrições para o VI Congresso de Psicologia e Análise do Comportamento (CPAC) e VII Jornada de Análise do Comportamento (JAC). Estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais da área de Psicologia, Saúde, Educação e afins podem se inscrever pelo site da FAUEL, clicando no link do evento: <http://fauel.org.br/cursos-eventos.php>.



Com o tema "Inovações Tecnológicas", os eventos serão realizados em maio, no período de 6 a 9, no Anfiteatro Cyro Grossi, localizado no Centro de Ciências Biológicas (CCB). A programação completa será disponibilizada em breve no endereço <http://www.uel.br/eventos/cpac/>.

● **Participação em eventos**

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) está com edital aberto para seleção de propostas de participação em eventos técnico-científicos nacionais e internacionais. O edital não cobre eventos de caráter regional e os realizados em Londrina. Os professores da UEL podem apresentar propostas até 14 de fevereiro.

Conforme o edital, o objetivo é conceder recursos aos professores das diversas áreas de conhecimento, para apresentarem trabalhos de sua autoria em eventos técnico-científicos relevantes. Os eventos devem ser no período de março a julho de 2020. Os recursos são provenientes da Fundação Araucária, por meio da Chamada Pública 11/2019. Mais informações no site da PROPPG: <http://www.uel.br/proppg/portalnovo/>.

● **Base curricular**

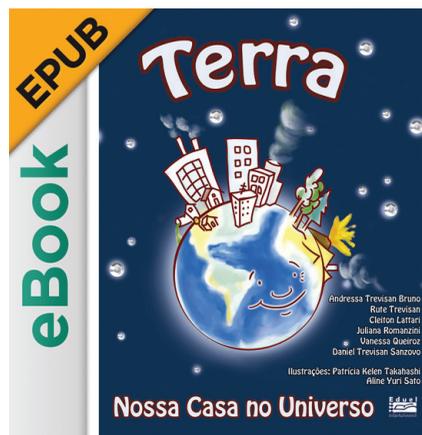
A Fundação de Apoio à UEL (FAUEL) promove o curso à distância "Base Nacional Comum Curricular na Prática: novos rumos para a escola e sala de aula" com carga horária de 100 horas, direcionado a professores interessados em compreender o contexto da Base Nacional e seus impactos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. As inscrições custam R\$ 120,00 e podem ser feitas no site da FAUEL, no link do evento: <http://www.fauel.org.br/cursos-eventos.php>.

A coordenação será das professoras Adriana de Jesus e Marta Furlan de Oliveira, do Departamento de Educação da UEL. A programação prevê teorias de currículo, o caráter normativo da BNCC, desafios, possibilidades e proposições. As atividades on line serão realizadas entre 10 de fevereiro e 30 de abril.



PRATELEIRA

Publicações da EDUEL



(eBook) Terra: nossa casa no universo EPUB

Autoria: Rute Helena Trevisan; Cleiton Lattari; Andressa Trevisan Bruno; Juliana Romanzini; Vanessa Queiroz; Daniel Trevisan Sanzovo

O tema deste livro é o Planeta Terra, cujas origem e evolução estão apresentadas com ilustrações lúdicas que chamam a atenção da criança, porém, mantendo o objeto de estudo cientificamente correto. No final da história, são enfatizados as transformações e os problemas pelos quais o planeta está passando, devido à poluição, bem como há um alerta para a necessidade do equilíbrio ecológico, tema muito debatido na atualidade. Classificação: Leitor Fluente (com capacidade de pensamento abstrato), de 9 a 12 anos.

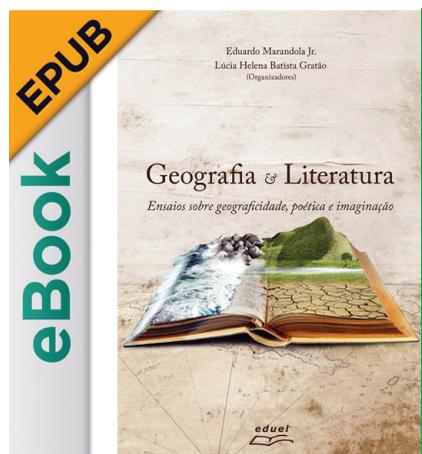
R\$ 35,00

(eBook) Viver com Cor: poemas & aquarelas EPUB

Autoria: Neusi Berbel; Jeanine Berbel

"Acredito que este livro seja o casamento perfeito entre dois tipos de poesia: a escrita e a ilustrada. Duas mulheres sensíveis, que expressam, cada uma com sua linguagem, suas emoções, e abrem seu coração para externar sentimentos que nos permitem compartilhar momentos mágicos."

R\$ 70,00



(eBook) Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação EPUB

Autoria: Eduardo Marandola Jr.; Lúcia Helena Batista Gratão (orgs.)

Há muito que a literatura tem colaborado com outras áreas do conhecimento, isso por sugerir ideias, propósitos e conexões sociais inseridas em contextos que trazem evidências de tempos e espaços imaginários. Os desafiadores artigos que compõem este livro resultam do esforço de alguns geógrafos que se debruçaram na leitura de obras literárias buscando estabelecer encontros e aproximações. Autores como Ítalo Calvino, Federico Garcia Lorca, Joseph Conrad, Júlio Verne, Guimarães Rosa, João Gilberto Noll, Cora Coralina e Mário de Andrade, entre outros também importantes, têm suas obras investigadas por este grupo de ensaístas que apontam infinitas e instigantes possibilidades de leituras.

R\$ 45,00



Livraria Edue

Entre em contato - saiba a política de descontos
e-mail: livrariaedue@uel.br

Talento para números e cálculos

Projeto de extensão atrai para a Universidade, desde 2006, crianças e adolescentes premiados pela Olimpíada Brasileira de Matemática



João Marcos Bernardelli Peron, 13 anos, bolsista da UEL

REINALDO C. ZANARDI

João Marcos Bernardelli Peron tem apenas 13 anos e é bolsista da Universidade Estadual de Londrina. Ele integra o projeto de extensão “Criando Oportunidades – Disseminando Talentos”, iniciativa da professora Ana Lucia da Silva, do Departamento de Matemática. O menino integra o Programa de Iniciação Científica (PIC) Júnior da UEL, por ter sido medalhista na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), em 2018.

A pedagoga Jessica Bernardelli Bagajine, mãe de João Marcos, diz que fica lisonjeada com a participação do filho nas atividades. “Esse tipo de proposta é enriquecedora. Trabalhar o aluno com essa habilidade em um projeto científico desenvolve tanto o intelecto quanto a disciplina”. Ela conta que, desde criança, o menino tem facilidade para números e contas.

João Marcos diz que gosta muito de

Matemática, de aprender coisas novas e do programa de iniciação científica. “A gente não apenas estuda. A gente também se diverte. Podemos ir ao quadro resolver os exercícios, dizer o nosso raciocínio. Isso me faz cada vez mais querer estudar lá [na universidade]”, diz. Ele mora em Rolândia e estuda no Colégio Estadual Souza Naves.

O projeto do qual João Marcos participa na UEL é voltado para estudantes dos ensinos fundamental e médio, premiados na OBMEP, com medalhas de ouro, prata ou bronze. A professora Ana Lúcia da Silva explica que desenvolve as atividades desde 2006 e a bolsa dos alunos monitores da graduação (R\$ 400,00) e de bolsista júnior (R\$ 100,00) são financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As atividades de Iniciação Científica Júnior são desenvolvidas em dois polos nas regiões norte e noroeste do Paraná. Além da UEL, o outro polo é a Universidade Estadual de Maringá. Atualmente

são 200 alunos, mas o projeto já chegou a ter, em um único ano, cerca de 300 crianças e adolescentes. A OBMEP é realizada pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com recursos do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

Conforme a professora Ana Lúcia, alunos de escolas privadas passaram a concorrer na Olimpíada de Matemática a partir de 2017. Eles também podem ser alunos de Iniciação Científica no projeto na UEL, mas sem bolsa, direcionada apenas para alunos da escola pública. Os premiados de uma edição da OBMEP frequentam o projeto de IC no ano seguinte.

SETE CICLOS

Há duas modalidades de participação dos alunos no projeto “Criando Oportunidades – Disseminando Talentos”: semipresencial e virtual (à distância). Essa última modalidade é para crianças e adolescentes que moram a mais de 40 km de distância de Londrina e têm dificuldades de ir à Universidade. “O material e o conteúdo das atividades virtuais são os mesmos para o projeto presencial”, destaca a professora. A única diferença entre as modalidades é que no virtual, não há os encontros presenciais realizados aos sábados.

O conteúdo da iniciação científica está dividido em três níveis. O primeiro para alunos do 6º e 7º anos; o segundo, 8º e 9º anos e Ensino Médio. As atividades têm duração de 10 meses do ano letivo da Universidade, em sete ciclos. A cada ciclo há dois encontros presenciais (somente para alunos da modalidade semipresencial) para fechar o tema. É realizada uma avaliação a cada ciclo.

Conforme a professora Ana Lúcia, os tópicos da Matemática passam por temas como criptografia, indução matemática, geometria, probabilidade e contagem, iniciação à Aritmética, Matemática e dobraduras, Matemática e origami, números complexos e trigonometria. “O material utilizado no programa de Iniciação Científica da OBMEP é referência no Brasil”, afirma a professora.

Os alunos podem ser desligados do projeto, sendo o desempenho e a assiduidade os principais critérios. A professora afirma que a taxa de desligamento dos estudantes é de cerca de 20%, valor que ela considera alto. “Um dos motivos é a não realização de atividades on line. O estudante tem várias tarefas que precisa realizar”, diz Ana Lúcia. Essas atividades são realizadas em softwares específicos com tutorial virtual. “Muitos têm dificuldade de acesso ao computador e à internet”, comenta.

Como o projeto é desenvolvido há 13 anos, muitos alunos de escolas públi-



“O material utilizado no programa de Iniciação Científica da OBMEP é referência no Brasil”, afirma a professora Ana

cas participaram do projeto em mais de uma edição. Depois, ingressaram no ensino superior e muitos já realizaram até Doutorado. “Imagine a riqueza para o aluno [secundarista] frequentar uma Universidade durante um ano inteiro”, afirma Ana Lúcia.

Ela calcula que 90% dos alunos que passam pelo projeto fazem uma Universidade. “Já tivemos graduandos em Matemática, engenharias Química, Civil e Elétrica, Física, Química e também Medicina e Direito”, conta a professora. “A ideia não é trazer os alunos para a Matemática, mas sim para a área de Exatas e Tecnologia”.

APRENDIZADO E EVOLUÇÃO

O estudante Lucas Heckler Piedade está no 3º ano do curso de Engenharia Elétrica e é bolsista do projeto “Criando Oportunidades – Disseminando Talentos”. Ele diz acreditar que os projetos possibilitam aos estudantes desenvolver um olhar para fora da Universidade. “Ajudando, assim, a nos tornar um profissional mais completo e com uma experiência maior. Também auxilia o crescimento humano, pois é uma vivência a mais, em novos ambientes”, complementa.

Segundo Lucas, os estudantes da graduação passam por situações diferentes e aprendem a lidar com cenários, que complementam o ensino na Universidade, fazendo grande diferença na formação profissional e humana. Ele diz que considera os projetos necessários: “Consegui absorver um conhecimento grande na área da Matemática, minha didática e meu discurso evoluíram muito”.

O estudante diz que também aprendeu a lidar com pessoas de diferentes hierarquias e jeitos. “Também fui capaz de evoluir meu raciocínio para que fosse mais claro e preciso”. Lucas Piedade cita ainda a evolução que teve na organização pessoal ao ter de incluir um projeto na sua rotina diária, tendo de adaptar compromissos e carga horária. “Isso exige uma boa organização”, relata.